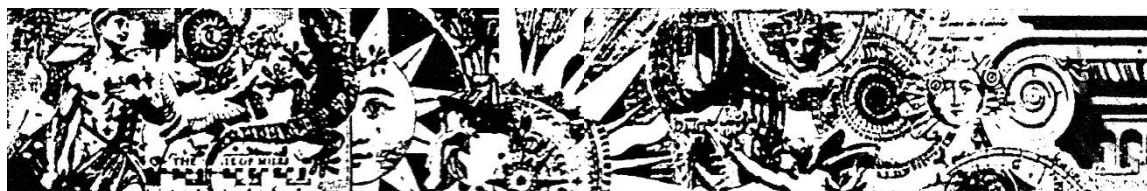




IMAGENS, LIVROS DIDÁTICOS E A GEOGRAFIA ESCOLAR

■ PEDRO BERNARDES PINHEIRO

Doutorando em Geografia pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Professor do Colégio Pedro II.
Endereço eletrônico: pedrobernardes.geo@gmail.com



Resumo: Discutimos nesse trabalho o lugar das imagens nas pesquisas e nos debates sobre os livros didáticos de Geografia. São examinadas as especificidades dessas relações entre imagens e livros de Geografia, através da bibliografia especializada baseada em artigos publicados em periódicos sobre o ensino de Geografia, dissertações de mestrado e teses de doutorado. Foram identificados três conjuntos de argumentos centrais para essas pesquisas. Um primeiro argumento consiste no reconhecimento livro didático como um artefato cultural e mercadológico fundamental na educação e um dispositivo central na trajetória da Geografia como uma disciplina Escolar, identificando a crescente importância das imagens em virtude de mudanças tecnológicas e editoriais nessas obras. Sublinha-se, neste caso, os avanços e as potencialidades dos livros didáticos, enfatizando-se o papel das políticas públicas. Por sua vez, alguns autores mobilizam argumentos questionando o sentido das imagens utilizadas pelos livros didáticos, problematizando o modo como elas veiculam ou favorecem ideias reducionistas e estereotipadas sobre territórios e grupos sociais. Esse tipo de análise, pautado por metodologias visuais críticas como a análise de conteúdo e a semiótica, parte do currículo escolar para interrogar seus pressupostos. Por fim, algumas investigações que apontam o potencial dessas imagens no trabalho pedagógico docente, propondo experimentações e explorando-as enquanto formas de linguagem e buscando sentidos outros para o currículo da Geografia Escolar.

Palavras chaves: Livro Didático; Imagem; Geografia Escolar; Currículo

IMAGES, TEXTBOOKS AND SCHOOL GEOGRAPHY

ABSTRACT: In this paper, we discuss the place of images in research and debates on geography textbooks. The specificities of these relationships between images and geography textbooks are examined through specialized bibliography based on articles published in periodicals on geography teaching, master's dissertations and PhD theses. Three sets of central arguments were identified for this research. A first argument consists of recognizing textbooks as a fundamental cultural and marketing artifact in education

and a central device in the trajectory of Geography as a school subject, identifying the growing importance of images due to technological and editorial changes in these works. In this case, the advances and potential of textbooks are highlighted, emphasizing the role of public policies. In turn, some authors mobilize arguments questioning the meaning of the images used in textbooks, questioning how they convey or favour reductionist and stereotyped ideas about territories and social groups. This type of analysis, based on critical visual methodologies such as content analysis and semiotics, starts from the school curriculum to question the school curriculum and its assumptions. Lastly, there is some research that points to the potential of these images in teachers' pedagogical work, proposing experiments and exploring them as forms of language and seeking new meanings for the school geography curriculum.

KEY-WORDS: Textbooks; Image; School Geography; Curriculum

IMÁGENES, LIBROS DE TEXTO Y GEOGRAFÍA ESCOLAR

RESUMEN: Este artículo analiza el lugar que ocupan las imágenes en la investigación y los debates sobre los manuales de geografía. Las especificidades de estas relaciones entre las imágenes y los manuales de geografía se examinan a través de bibliografía especializada basada en artículos publicados en publicaciones periódicas sobre la enseñanza de la geografía, tesis de máster y tesis doctorales. Se identificaron tres conjuntos de argumentos centrales para esta investigación. Un primer argumento consiste en reconocer los libros de texto como un artefacto cultural y de marketing fundamental en la educación y un dispositivo central en la trayectoria de la Geografía como materia escolar, identificando la creciente importancia de las imágenes debido a los cambios tecnológicos y editoriales en estas obras. En este caso, se destacan los avances y potencialidades de los libros de texto, enfatizando el papel de las políticas públicas. A su vez, algunos autores movilizan argumentos que cuestionan el significado de las imágenes utilizadas en los libros de texto, problematizando cómo transmiten o favorecen ideas reduccionistas y estereotipadas sobre territorios y grupos sociales. Este tipo de análisis, basado en metodologías visuales críticas como el análisis de contenido y la semiótica, parte del currículo escolar para cuestionar el currículo escolar y sus supuestos. Por último, hay algunas investigaciones que apuntan al potencial de estas imágenes en el trabajo pedagógico de los profesores, proponiendo experimentos y explorándolas como formas de lenguaje y buscando nuevos significados para el currículo escolar de geografía.

PALABRAS-CLAVE : Libros de texto; Imagen; Geografía escolar; Currículo

INTRODUÇÃO

Na Geografia, os livros didáticos vêm adquirindo relevância nas últimas décadas como fonte e como objeto de pesquisa de inúmeras pesquisas acadêmicas. Livros didáticos têm uma importância ímpar para a cultura escolar (Sene, 2014) e para as disciplinas escolares, conferindo-lhes identidade própria e difundindo as orientações curriculares (Albuquerque, 2011). Em um sentido mais epistemológico, a compreensão da relação entre os livros didáticos e os currículos escolares assumiram novos desdobramentos. Eles não são analisados exclusivamente como uma simplificação dos

conhecimentos científicos produzidos nas universidades, ou ainda, como instrumentos difusores de uma ideologia oficial do Estado¹.

Desde a década de 1990, pesquisadores brasileiros passaram a dialogar com a perspectiva da História das Disciplinas Escolares (Gonçalves, 2011), incorporando em suas análises com autores estrangeiros como o francês André Chervel (1990) e o britânico Ivor Goodson (2005) para compreender as relações entre os livros didáticos e os currículos. Livros didáticos passaram a ser compreendidos como uma expressão original das disciplinas escolares e das suas tradições, incorporando elementos das ciências de referência, da cultura escolar e refletindo as transformações sociais do seu tempo. Maria Adalgiza Albuquerque argumenta que “é por meio do livro didático que a sociedade, uma parcela dela, estabelece o que deve ser lembrado e o que é realmente importante de conhecermos em determinado período” (Albuquerque, 2011).

Algumas pesquisas sobre os livros escolares também recorrem às teorizações críticas e pós-estruturalistas sobre o currículo para suas análises. Esse é o caso de Carolina Vilela (2013) que argumenta que o livro didático é obra representativa do discurso disciplinar sobre a disciplina escolar Geografia. Em sua análise curricular ela se apoia na teoria do discurso de Michel Foucault bem como conceituações (por exemplo, de articulações interdiscursivas e interdições) demonstrando a relevância de articulações com o discurso econômico, ambiental e histórico para a produção de um discurso sobre o conhecimento escolar em geografia. Para a autora: “é por meio do discurso econômico que se associa a Geografia escolar, como temas ligados às questões sociais, as desigualdades inerentes às sociedades capitalistas têm sido tratados no âmbito dos discurso da Geografia escolar (Vilela, 2013, p. 135-136), e como consequência, “ o discurso do conhecimento escolar em Geografia é atualmente constituído pela estreita relação com a lógica do discurso econômico (...), para se legitimar no contexto das demandas contemporâneas”(idem, p. 173)

Investigar livros didáticos é também olhar com atenção e curiosidade para as suas imagens, observando padrões, identificando regularidades discursivas e questionando ausências e lacunas. Por isso, a análise de coleções ou exemplares de livros didáticos têm sido um dos caminhos recorrentes nos trabalhos sobre imagens e o ensino de Geografia na Educação Básica (Tonini, 2013). Para Ivaine Tonini, “as imagens são veículos dos

¹Durante muitos anos, os livros didáticos no Brasil foram objeto de muita desconfiança pela pesquisa acadêmica. Durante as décadas de 1970 e 1980, período marcado pela ditadura militar, esses materiais pedagógicos eram vistos como difusores das ideologias conservadoras e autoritárias do Estado brasileiro. (Albuquerque, 2011)

significados e das mensagens simbólicas produzidas discursivamente” (2013, p. 179), e que, “através de um olhar denso sobre elas, podemos tomar o espaço geográfico, construído pelas imagens, não como apenas nos mostram, mas lido e pensado de outras maneiras” (idem, p.180). Estudos de fotografias, mapas e outros tipos de imagens inscritos nos livros didáticos de Geografia pautados em metodologias qualitativas e visuais constituem uma forma interessante de compreendermos a relação entre as imagens, as práticas docentes e o currículo escolar.

Neste artigo buscamos explorar a seguinte questão: qual é o lugar que as imagens ocupam nos debates sobre o livro didático de Geografia? Para respondê-la selecionamos e apresentamos alguns dos argumentos frequentemente presentes em trabalhos acadêmicos como artigos de periódicos, dissertações de mestrado e teses de doutorado². Examinamos as relações entre imagens e os livros didáticos de Geografia, através da literatura sobre o assunto produzida por autores e pesquisadores brasileiros. Os trabalhos citados a seguir não apresentam uma síntese dessa produção acadêmica tal qual um estado de arte, mas exemplos de estudos cujas temáticas e discussões nos auxiliam a compreender essas relações.

Esses argumentos podem ser sintetizados em três vertentes principais, que não são necessariamente excludentes. Com isso não pretendemos “enquadrar” ou “classificar” os autores mencionados em perspectivas distintas. Essas três vertentes de análise seriam a relação entre livros didáticos e as transformações editoriais e a crescente importância das imagens; a crítica aos livros didáticos e as imagens estereotipadas difundidas por eles; o tensionamento dos sentidos preestabelecidos pelas imagens nos livros didáticos em sua relação com os conteúdos escolares através de práticas de experimentação.

A maior parte dos pesquisadores reconhece as imagens do livro didático como um artefato cultural central na educação e um dispositivo relevante na trajetória da Geografia como uma disciplina escolar. Eles também consideram o impacto das mudanças técnicas, editoriais e institucionais nas transformações imagéticas dos livros didáticos, e que, hoje, as coleções didáticas apresentam uma qualidade muito superior do que em décadas passadas possibilitando novos direcionamentos para o trabalho

² Para o levantamento dos trabalhos acadêmicos, pesquisamos a produção acadêmica recente de teses e dissertações sobre o tema, consultando a Biblioteca Digital Brasileira de Dissertações e Teses e o Catálogo de Dissertações e Teses da CAPES. No Catálogo de Dissertações e Teses efetuamos busca pelos descritores “Geografia Escolar”, ou ainda, as expressões “Ensino de Geografia” e “Educação Geográfica”, combinadas com os termos que identificam recortes temáticos dos trabalhos como “imagens”, “representações imagéticas”, “recursos visuais” e “visualidades”, tanto no plural como no singular.

pedagógico do professor de Geografia. Em síntese, reúnem argumentos que consideramos como favoráveis ao uso do livro baseado em aspectos como sua relevância para a história da Geografia Escolar e as melhorias na qualidade gráfica e acadêmica verificadas nas coleções mais recentes.

Sob um ponto de vista distinto, identificamos um conjunto de argumentos mais críticos direcionados aos livros didáticos, particularmente por parte de professores e pesquisadores que têm como foco de suas análises a dimensão imagética. Esses autores não rechaçam o livro didático enquanto um elemento central da cultura escolar e nos processos de ensino e aprendizagem. No entanto, eles concluem que as imagens dos livros didáticos podem contribuir para a construção de imagens-clichês (Firmino e Martins, 2017), estereótipos regionais (Silva, 2018; Tonini, 2003), estereótipos raciais, étnicos e indígenas (Printes, 2013), sexuais e de gênero (Firmino, 2020; França, 2022), e que, portanto, como materiais didáticos, devem ser analisados criticamente. Tais críticas também são pontuadas em trabalhos que abordam problemas relativos às representações cartográficas nos livros didáticos, como é o caso de Novaes (2012). Essas investigações vêm revelando resultados interessantes, através de métodos qualitativos e visuais baseados na análise de conteúdo, na semiologia e na análise do discurso, dentre outros. É interessante observar, segundo essas análises, o modo como os livros didáticos apresentam mudanças curriculares associadas à ciência geográfica e às demandas por representação dos movimentos sociais, quando ao mesmo tempo, preservam certos discursos, hiatos, polaridades e binarismos.

Na última seção, destacamos os argumentos que defendem mais explicitamente a ideia de que as imagens dos livros didáticos podem ser exploradas ou experimentadas de formas distintas, sem que seus significados estejam restritos aos conteúdos curriculares e as forma mais tradicionais de abordagem desses conteúdos na Geografia (Novaes, 2014; Souza, 2018). Tais argumentos sublinham a relevância das imagens como linguagem (Oliveira Jr, 2009, 2020; Preve e Preve, 2020) e não exclusivamente como suporte a determinados conteúdos curriculares, apoiando-se, por exemplo, em autores como o filósofo Gilles Deleuze e conceito de devir. As contribuições e reflexões realizadas por pesquisadores no âmbito da Rede Internacional de Pesquisa Imagens, Geografias e Educação reúnem os trabalhos dedicados a essa forma de investigação. Assim, alguns objetivos desses trabalhos não estão pautados exclusivamente por uma análise visual dos livros didáticos, mas baseiam-se nessas obras para propor atividades pedagógicas e projetos de pesquisa.

IMAGENS, TÉCNICAS E EDITORAÇÃO

Desde meados do século XX, os livros didáticos vêm apresentando profundas mudanças em seus formatos, refletindo tanto transformações tecnológicas, editoriais e pedagógicas, como apontam Almeida (2013) e Lacerda (2018). Em sua tese de doutorado sobre o tema, Renata Almeida (2013) afirma que: “as imagens que o compõem [o livro], dado o avanço que as obras tiveram, consolidam uma nova dimensão de trabalho em sala de aula. [...] mesmo com tantos meios de trabalhar com imagens em sala de aula, as imagens do livro didático também cresceram em importância.” (Almeida, 2013, p. 95). Ao longo da segunda metade do século XX, se tornam cada vez mais comuns livros com imagens coloridas e uma diagramação cada vez mais elaborada e sedutora, em contraposição às coleções didáticas mais antigas.

Nessa direção, as fotografias ganham mais espaço em comparação às ilustrações (Moura, 2022; Hollman, 2013), e aos mapas somam-se outros tipos de representações verticais do espaço como as imagens de satélite e as fotografias aéreas. Há ainda, tipos imagéticos menos frequentes, mas cuja presença é marcante nos livros, como as charges (Bustamontes, 2016). A diversificação dos tipos de imagens existentes nos livros didáticos é paralela a mudanças mais amplas na composição e na diagramação. Tratando das mudanças observadas nos livros didáticos de Geografia no período, Leonardo Azambuja afirma que:

O mercado editorial didático apresenta um dinamismo que vai refletir a qualidade gráfica dos materiais e a diversidade de informações atualizadas a cada nova edição. Ainda, e talvez mais significativo, seja a formatação hipertextual dos manuais didáticos com a inclusão de textos complementares e explicativos, mapas, gráficos e imagens, indicações de fontes virtuais para pesquisas, proposições de atividades para os alunos e de orientações ou sugestões para os professores anexadas em suplementos específicos. (Azambuja, 2014, p. 31)

Mais recentemente, já no século XXI, muitas coleções de livros didáticos são disponibilizadas, além do tradicional formato físico, em formato digital, o que viabiliza o acesso a *hiperlinks* na internet. Seja nas versões digitais, seja nas versões físicas, essas mudanças ampliaram a relevância das imagens para os livros, bem como tornaram mais complexa a relação entre texto e imagem, através de recursos iconográficos cada vez mais sofisticados, no qual a comunicação visual ganha destaque (Freisleben, 2018, p. 41).

Lacerda (2018) destaca que durante muito tempo as imagens tiveram um papel secundário nos livros didático, mas que “passaram a ser valorizadas e seu papel se configura como menos decorativo e mais ilustrativo, no sentido de apoiar e complementar o conteúdo textual” (2018, p. 89). A proporcionalidade entre textos e imagens, inclusive, tem sido alvo de alguma polêmica, na medida em que a importância relativa das imagens em contraposição aos textos, estaria contribuindo para “enfraquecer” os conteúdos curriculares.

A quantidade, a variedade e qualidade gráfica das imagens inscritas são entendidas como um aspecto positivo para os pesquisadores, muitos deles professores de Geografia na Educação Básica. Pedagogicamente, eles compreendem que a dimensão visual dos livros didáticos é muito importante para despertar o interesse e a motivação dos estudantes (Timmers e Weppo, 2017), inseridos em um contexto com uma ampla circulação de imagens assim como para sustentar o trabalho pedagógico do professor. Compreendemos, no entanto, que esse caráter motivacional e de engajamento discente deve ser posto sob suspeita, posto que as dimensões visuais do livro precisam estar articuladas a outros os fatores pedagógicos

Ivaine Tonini (2013) reconhece que essas transformações editoriais e técnicas não se reduzem ao *design*, mas produzem novos sentidos e direcionamentos para a experiência educativa. Para a autora: “essa nova textualidade possibilita exigir dos estudantes outras maneiras de aprender, ao permitir itinerários diversos para leitura das imagens, ou seja, com ou sem articulação com o texto escrito” (Tonini, 2013, p. 180). Destacando que sua relação para a cultura contemporânea, ela afirma ainda que: “isso representa um dos rasgos distintivos no modelo de ensinagem tradicional, pois dificilmente consegue-se chamar a atenção dos estudantes na monotonia da leitura tradicional” (idem, p. 181). Portanto, a maior presença de imagens nas páginas dos livros didáticos, em contraposição aos textos escritos, não advoga de modo contrário a esses materiais. As imagens e a rica visualidade das coleções contemporâneas são vistas como catalizadores do interesse e da motivação dos estudantes, proporcionando outros percursos de leitura aprendizagem que não estão baseados somente na leitura linear e tradicional do texto escrito.

Outro argumento também é acionado em muitas pesquisas relaciona-se ao contexto de produção dos livros. Para Maria Adalgiza Albuquerque: “como mercadoria, o livro didático é produzido com a finalidade de gerar lucro, como qualquer outro produto. Assim, para que seja consumido em alta escala deve atender a uma expectativa

do mercado” (Albuquerque, 2014, p. 165). Considerando-os como uma forma de “mercadoria”, devemos ter em mente que a seleção de fotografias, mapas e das demais imagens que os compõem estão sujeitas a critérios das editoras. Em entrevista sobre o assunto, Eustáquio de Sene, autor de coleções didáticas, aponta aspectos interessantes nessa relação entre autor (considerando sua própria experiência) e editora. Ele comenta, por exemplo, sua percepção sobre o fato de buscar privilegiar o “conteúdo” em contraposição ao aspecto “estético” das fotografias escolhidas, algo almejado pela editora (Sene, Oliveira Jr e Soares, 2013). Também esclarece que as fotografias utilizadas em seus livros correspondem sobretudo a fotos panorâmicas, diurnas com contrastes bem definidos que geralmente são editadas em função da diagramação proposta pela editora. Outra curiosidade revelada por Sene nessa entrevista é que as imagens são escolhidas indiretamente pelo autor, através de um filtro inicial realizado pela editora em seus bancos de imagens.

Este processo de seleção também deve estar sujeito às orientações governamentais, como aquelas descritas pelo Programa Nacional do Livro Didático (PNLD) e nos documentos curriculares. Historicamente, é muito recente o processo de distribuição massiva e gratuita de livros didáticos para estudantes de diferentes segmentos de ensino nas escolas públicas. Anteriormente, a aquisição desses materiais era responsabilidade das famílias dos estudantes, o que limitava o acesso ao material pedagógico por parte de estudantes de famílias de baixa renda. Este quadro se modifica substancialmente, em grande parte, como resultado da consolidação do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD)³ e da universalização do Ensino Fundamental, e da expansão do Ensino Médio, durante as décadas de 1990 e 2000. É neste período que amplas camadas da população brasileira têm acesso à educação escolar através da expansão das redes públicas de ensino nos estados e municípios. Em paralelo, o governo federal teve um papel relevante na implementação e no financiamento de políticas públicas para o território nacional, como é o caso desse programa.

Outro fator relevante nesse contexto, que também pode ser diretamente atribuído ao Programa Nacional do Livro Didático, é a substancial melhoria na qualidade e nos aperfeiçoamentos desses materiais com relação à linguagem, aos conteúdos curriculares e à dimensão visual dessas obras. As diretrizes e orientações dos sucessivos

³ O PNLD como conhecemos atualmente foi instituído oficialmente em 1985, através do Decreto nº 91.145. Entretanto é partir da década de 1990, em um contexto de reformas e transformações na Educação Brasileira, que o programa passou por diversas mudanças e aprimoramentos, com a criação de novas edições e a inclusão de novas disciplinas.

editais do PNLD orientaram as editoras de livros didáticos a se adequarem às normas governamentais, para viabilizar uma possível aquisição de suas coleções nas redes públicas de ensino da Educação Básica, que concentram parte significativa das matrículas de estudantes em idade escolar. Como consequência, as coleções didáticas foram apresentando sucessivas melhorias de modo a serem selecionadas por escolas e redes de ensino, em um concorrido mercado editorial. Para a Geografia, tais transformações resultaram no enriquecimento das imagens presentes dos livros, com diversos recursos iconográficos, bem como uma ampla presença de fotografias e mapas.

Partindo dessa chave interpretativa, qualquer questionamento sobre as imagens utilizadas dos livros didáticos não deve ser endereçado somente a seus autores, desconsiderando-se os contextos de produção destas obras didáticas. Imagens não são selecionadas e elaboradas exclusivamente por seus autores, com uma formação específica na área (no caso, a Geografia) mas por um conjunto de atores que influenciam diretamente na sua escolha e utilização, seguindo critérios políticos, ideológicos e econômicos (como o custo sobre os direitos autorais relativos às fotografias) que não convergem necessariamente com as intenções originais dos autores e orientados por minuciosas exigências previstas pelo PNLD.

IMAGENS, CLICHÊS E ESTEREÓTIPOS

Esses argumentos mais favoráveis e positivos sobre a relação entre livros e imagens podem ser tensionados a partir de críticas e ponderações sobre as representações vinculadas. Ainda de acordo com Tonini (2013), as imagens utilizadas nos livros didáticos para representar mulheres, pessoas negras e indígenas ainda contribuiriam para reforçar o caráter de subalternidade e inferioridade de determinadas identidades sociais. “Essas identidades continuam a ser assim: fixas, subdesenvolvidas, domesticadas, dependentes, nativas, etc. O deslocamento para outros posicionamentos identitários, a irrupção de outros significados estão ainda distantes para deslocar os atuais.” (Tonini, 2013, p. 189), afirma a autora. Tais conclusões reverberam ideias já presentes em sua tese de doutorado defendida em 2002, na qual examinava de que modo as imagens ajudam a fixar determinadas identidades, associando-as a determinados lugares e territórios (Tonini, 2003; 2002). Em um contexto em que as discussões sobre raça, etnia, gênero e geração ainda eram pouco comuns na Geografia, Tonini chamava a atenção para a hierarquias inscritas nos livros didáticos, contrapondo sobretudo as

imagens que representavam essas identidades em países “desenvolvidos” e “subdesenvolvidos”.

Posteriormente, outros trabalhos têm como objeto de estudo as imagens nos livros didáticos, como meio de tensionar certas tradições e representações no currículo da Geografia Escolar. Se uma das tradições no curriculares da Geografia corresponde a valorização da pluralidade cultural (Vilela, 2013,), tal valorização, produzida discursivamente, não se expressa necessariamente em representações imagéticas mais “plurais” e “diversas” de lugares, territórios, etnias, povos e culturas (Pinheiro, 2016). Firmino e Martins (2017), por exemplo, descrevem os diferentes exemplos de imagens-clichês que estão retratados nos livros didáticos, questionando em que medida essas imagens são capazes de limitar nossas ideias e nosso olhar. A simples presença de fotografias (para nos restringirmos a um tipo imagético) de mulheres, grupos étnicos minoritários e espaços periféricos nacional ou globalmente não garante necessariamente uma representação plural e diversa sobre tais povos e territórios. Para as autoras:

Nos deparamos por vezes com uma África muito pobre, árida e faminta. Uma Amazônia que se limita a ser vista através de fotografias áreas por suas robustas árvores verdes. Mulheres invisibilizadas quantitativamente pela sua não presença nas páginas e imagens destes Livros Didáticos de Geografia, majoritariamente masculinos e branqueados. Grupos étnicos retratados por meio de imagens festivamente folclóricas. Um rio São Francisco que se restringe a ser palco de muitos problemas ambientais. Espaços urbanos verdes e cosmopolitas em suas dimensões fotográficas. Imagens, ideias-clichês que servem como a ‘prova real’ de um determinado discurso sobre a Geografia dos lugares e das pessoas. Repetições e representações do mesmo. (Firmino e Martins, 2017, p. 107)

As denúncias pontuadas por Firmino e Martins constituem por si só problemáticas específicas de uma série de pesquisas. Alguns desses trabalhos apresentam contribuições à reflexão crítica sobre estereótipos étnicos e regionais, como a tese de Ínia Novaes (2014) sobre África, e a tese de Fernando Silva (2018) sobre o Nordeste brasileiro. Silva (2018) aponta, a partir de uma perspectiva pautada na semiótica, como as imagens do Nordeste reforçam a vinculação entre essa região e a ruralidade, identificando que sete das dez coleções didáticas utilizadas em sua investigação apresentam mais imagens rurais do que imagens urbanas. Há ainda, segundo o autor, uma sobrevalorização de imagens mais relacionadas ao passado do que ao presente nordestino, como, por exemplo, através da abordagem do fenômeno migratório. Considerando apenas as imagens selecionadas para as aberturas de capítulos, Silva destaca que: “a comparação entre as imagens introdutórias entre nordeste e sudeste/centro sul, sustentam ainda mais uma bipolarização entre urbano-rural,

moderno-arcaico, popular-erudito, estático-dinâmico. (...) O senso-comum parece persistir nessas imagens” (Silva, 2018, p. 152).

Por sua vez, o trabalho de Freisleben (2018) analisa fotografias do espaço urbano nos livros didáticos, destacando como certas representações desses espaços tendem a se reproduzir e se repetir em distintas coleções. Neste caso, a predominância da representação de cidades do Sudeste do país como São Paulo, Rio de Janeiro e Belo Horizonte, em comparação com as cidades das demais regiões, e em particular, regiões e bairros mais verticalizados dessas cidades. Favelas e outros espaços populares só começaram a ser apresentados de forma mais sistemática nos livros didáticos de Geografia a partir da década de 2000. De acordo com Freisleben (2018) as imagens das favelas brasileiras (mas também de outros espaços populares) ainda são utilizadas predominantemente para destacar os problemas de infraestrutura urbana e segurança pública.

Com relação a representação dos povos indígenas é interessante a pesquisa de Printes (2014) sobre a presença indígena nos livros de Geografia do ensino fundamental. Embora não esteja pautada em metodologias visuais, como os estudos anteriormente citados, a autora reconhece mudanças e permanências na forma como a temática indígena vem sendo explorada pelos livros didáticos. Embora aponte exceções, sinaliza que os livros ainda apresentam os povos indígenas como “atrasados”, exclusivamente rurais, e muitas vezes restritos à região amazônica. “Dentre os conjuntos de livros analisados são poucos os que inserem textos críticos (...) com imagens atuais e descrições recentes das problemáticas enfrentadas pelos diversos povos, bem como suas relações etnoecológicas” (Printes, 2014, p. 217). Reverberando as considerações de Fernando Silva sobre a região Nordeste, Printes afirma ainda que “alguns livros revelaram dificuldades em lidar com a existência de diferenças étnicas na sociedade brasileira atual, normalmente recalcando-as no passado” (idem, p. 2017).

As relações de gênero e a representação de mulheres nos livros didáticos, problemática já trabalhada por Tonini (2002), em sua pioneira tese, têm sido alvo de atenção de novos pesquisadores. O principal destes trabalhos é a pesquisa de Larissa Firmino que verifica uma presença desigual de homens e mulheres nos livros didáticos, através da análise da frequência da corporeidade masculina em comparação com a feminina, o que se configura “como uma estratégia de poder que privilegia e constrói nesses objetos escolares um discurso hegemonicamente masculino” (Firmino, 2020, p. 85). Essa desigualdade é ainda mais evidente em se tratando de homens e mulheres

públicos. Sua análise procura articular dimensão de gênero as questões de raça através da análise da representação de mulheres negras no Brasil e na África', "sendo representadas nessas imagens em situação de pobreza e vulnerabilidade, relacionando sua corporalidade a doenças empregos de baixa remuneração, situação de rua, refugiadas de guerra (2020, p. 95). Lucas França (2022)⁴ também destaca as assimetrias e hierarquias presentes nas representações imagéticas de gênero em duas coleções didáticas, sinalizando as desigualdades e as diferenças na representação de personalidades históricas e políticas, imigrantes e movimentos sociais. São particularmente interessantes as suas colocações sobre as fotografias sobre imigração, visto que "as imagens de mulheres migrantes (...) sempre acompanhadas da presença masculina e, comumente associada às responsabilidades maternais (crianças no colo ou de mãos dadas com a figura maternal) podem reforçar estereótipos de gênero sobre o fenômeno da migração" (França, 2022, p. 19)⁵.

Críticas às imagens presentes em livros didáticos não se restringem a análises fotográficas ou a delineamentos empíricos amplos, através da análise de diversas coleções. Novaes (2012), por exemplo, discute a repercussão gerada pela inclusão de um mapa sobre o tráfico de drogas ilícitas na cidade do Rio de Janeiro em um livro de Geografia destinado a turmas da Educação Básica. O mapa em questão apresentava a localização de facções criminosas ligadas ao tráfico de drogas ilícitas através de pontos que coincidiam com favelas e comunidades populares desta cidade. Seu principal argumento é de que a renovação temática na Geografia Escolar (através da incorporação da temática do narcotráfico) é relevante, mas que o mapa usado para desenvolver o assunto apresenta um grave equívoco ao fixar e limitar o tráfico de drogas ilícitas como um fenômeno territorial circunscrito a determinadas áreas, e particularmente restrito às favelas cariocas. Tal como a cartografia midiática, o mapa analisado reforça determinados estereótipos, que deveriam ser questionados, como na identificação

⁴ O trabalho de conclusão de curso de Lucas França é o único, citado ao longo do texto, que não resulta da pesquisa nas bases mencionadas. Faço referência ao mesmo por ter orientado sua pesquisa no âmbito do curso de especialização em Teorias e Práticas da Geografia Escolar realizado no Colégio Pedro II.

⁵ França destaca os avanços que podem ser percebidos com relação ao tema: "É possível perceber, através das figuras encontradas e analisadas, e das considerações demarcadas, que existe aparente preocupação em inserir, ainda que de forma limitada ou meramente simbólica, debates sobre questões de gênero ou provocações que direcionem para o diálogo a respeito desta temática e sua inserção dentro da geografia escolar como categoria de análise do espaço geográfico." (FRANÇA, 2022, p. 24)

bastante simplista presente no senso comum entre os territórios de favela e o tráfico de drogas ilícitas⁶.

IMAGENS, EXPERIMENTAÇÃO E DEVIRES

Para além da análise dos livros didáticos, as imagens podem ser utilizadas em diferentes dinâmicas realizadas em sala de aula, por meio de distintas experimentações. Aqui sublinha-se a crítica a ideia de que os sentidos das imagens são estabelecidos em função do contexto didático dos livros e das aulas e de que é necessário criar possibilidades ou novos devires para as imagens. Essa perspectiva vem sendo assumida por diferentes autores, dentre os quais Wenceslau Oliveira Junior (2009, 2019, 2020). Para ele, a fixação das imagens e de seus sentidos nas páginas dos livros didáticos, reforça estereótipos tais como comentamos no item anterior, mas impede a imaginação geográfica de professores e estudantes. O autor descreve uma situação em sala de aula na qual uma imagem é usada para representar um lugar ou um fenômeno:

O professor pede para seguir, pois é só isso que os alunos devem saber. Seja porque é conteúdo para algum exame, seja porque é assim que esse modo de fazer geografia (e educação) quer que pensemos o mundo (...). Isto provoca a interrupção do pensamento (...): paralisa o pensamento infinito e produz blocos de pensamento finito, uma vez que em qualquer dessas distintas geografias o que se busca é vincular uma imagem a uma série restrita de outras, arregimentando imagens em tropa previsíveis e controladas. (Oliveira Jr., 2020, p. 8)

Carina Souza (2018), orientada por Oliveira Junior, apresenta os resultados de pesquisas que se basearam no uso de fotografias, que geralmente não compõe comumente os livros didáticos. A autora procurou explorar as formas de diferenciação rural-urbana no Brasil através do uso de imagem artísticas trabalhadas em dinâmicas com os estudantes. Imagens essas selecionadas pela autora em contraponto aquelas dos livros didáticos. Segundo a autora, elas “apresentam situações que não estão veiculadas exclusivamente à leitura de signos. Elas tensionam os significados, incluindo signos que antes não estavam dados” (Souza, 2018, p. 71). As imagens escolhidas colocam em questão o próprio conteúdo geográfico, a dicotomia rural urbana: “Não se trata de superar a dicotomia, e sim de lidar com ela, colocando o pensamento espacial em devir,

⁶ Diferentes mapas, notadamente aqueles produzidos pela mídia, de grande circulação cotidiana, são negligenciados pela Geografia acadêmica, mas vem sendo incorporados pela Geografia Escolar, como no caso analisado pelo autor. Esses mapas correspondem a imagens que não seguem as mesmas regras normativas dos mapas “científicos”, mas estão muito mais presentes no cotidiano e integrados ao contexto escolar.

pois a ambivalência rural e urbana não consegue mais se manter como classificação.” (Souza, 2018, p. 71). Este exemplo torna mais claro, o argumento de que as imagens fotográficas podem ser uma linguagem interessante não apenas no sentido de “representar um conteúdo escolar”, de se constituir em um “signo de verdade”, mas sobretudo, em propor questões, em estimular desafios, estabelecer outras dúvidas.

Outra pesquisa instigante nessa direção, é aquela realizada por Preve e Preve (2017) sobre as imagens sobre globalização nos livros didáticos e experimentações com essas imagens (Preve e Preve, 2020). Em relação aos livros didáticos, se reconhece a recorrência de determinadas imagens, particularmente as fotografias, para explicar e exemplificar o processo de globalização nos livros de geografia. Nas obras estudadas, os possíveis sentidos dessas imagens são enquadrados e fixados pelo texto escrito: “as fotografias utilizadas nos livros analisados estão emolduradas pelo texto escrito, sendo tomadas como a ilustração de um mundo disponível ao conhecimento, ou ainda postas como informação, no sentido de leitura.” (Preve e Preve, 2017, p. 197). Subvertendo essa lógica, os autores realizaram um exercício em que propuseram apresentar e perguntar as impressões sobre algumas dessas imagens com três públicos bastante distintos: um grupo de estudantes, um grupo de pacientes internos de um Hospital de Custódia e Tratamento Psiquiátrico e um grupo de idosos. As imagens eram apresentadas sem nenhum tipo de texto, como títulos ou legendas. A experimentação visava deslocar as imagens de seu contexto pedagógico, provocando um certo esgotamento de seus sentidos, para além de um suporte como ilustração de algum conteúdo.

Nos exercícios propostos, o encontro com as imagens tentava liberá-las das palavras e frases (legendas e títulos) que as aprisionam a um ‘olhar’ cansado (com objetivos já definidos), percebendo em que medida as respostas dos participantes eram capturadas pelo tema globalização e/ou no plano da representação: ‘tal imagem mostra os efeitos da globalização’, ou ainda, ‘é uma imagem da Terra’. Assim, ao buscar liberar essas imagens do aprisionamento de suas potências, possibilitando também o esvaziamento de seu caráter informacional (imagem como suporte da explicação de um conteúdo), os exercícios intentaram permitir outra relação com o tema escolhido e uma experiência/experimentação nossa, os sujeitos que propunham o exercício. (Preve e Preve, 2020, p. 35)

As experiências ou experimentações com as imagens, possibilitam que os sujeitos não fixem os possíveis sentidos atribuídos as imagens somente na exemplificação ou na explicação de um conteúdo. A produção de estudos e pesquisas nessa direção é cada vez mais relevante. Mais um exemplo nessa direção é a pesquisa de Gabriel Cabral (2023) sobre a produção de fotografia do espaço urbano por estudantes de Ensino Médio com o

uso dos aparelhos celulares, no qual tanto a linguagem (fotográfica) como o conteúdo (a cidade) são objetos de estudo e reflexão.

Os conteúdos escolares não devem ser apresentados unicamente associado as imagens dos livros didáticos e, mesmo essas imagens podem ser trabalhadas, exploradas, e experimentadas de muitas formas que não exclusivamente como suporte aos mesmos. Nessa direção, retomamos os comentários de Firmino e Martins que são muito pertinentes: “O que nos falta são rasuras que permitam movimentos em Livros Didáticos de Geografia que nem sempre são experimentados em toda sua potencialidade.” (2017, p. 110)

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com base nas discussões apresentadas, é possível afirmar que as imagens nos livros didáticos se mantêm em um lugar fundamentalmente ambíguo e contraditório. Por um lado, traduzem distintas possibilidades de críticas, por expressarem estereótipos regionais e sociais, favorecendo leituras restritivas sobre lugares e territórios, além de abordagens preconceituosas sobre grupos e segmentos sociais. Por outro, se mantêm como um elemento essencial nas transformações editoriais, nas mudanças curriculares, bem como permitindo outras possibilidades de leitura e análise sobre o conhecimento escolar, através de exercícios e diferentes práticas de experimentação.

Mesmo as críticas que observamos nas conclusões desses trabalhos também têm destacado mudanças consideradas positivas graduais com relação ao uso de imagens, como por exemplo, a representação de grupos e minorias sociais (Pinheiro, 2016). Isso não significa que caminharemos numa direção em que as imagens presentes no livro se tornem mais representativas e plurais e imunes a críticas. Essa é uma ilusão. Pelo contrário, é preciso que o trabalho pedagógico dos docentes incorpore efetivamente as imagens dos livros, mas que caminhe para além delas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBUQUERQUE, Maria Adailza M. de. Livros didáticos e currículos de geografia, pesquisas e usos: uma história a ser contada. In: TONINI, Ivaine Maria et al. (Orgs.). *O ensino de geografia e suas composições curriculares*. Porto Alegre: UFRGS, 2011.

ALMEIDA, Renata Maria de. *Imagens do livro didático de geografia: representações do espaço geográfico*. 168f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Unioeste, Francisco Beltrão. 2013.

AZAMBUJA, Leonardo D. de. O livro didático e o ensino de Geografia do Brasil. *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, Campinas, ano 4, número 7, p. 11–33. 2015.

BUSTAMONTES, Antenor F. de. *Charge no livro didático de Geografia do Ensino Médio*. 112f. Dissertação (Mestrado em Geografia) Centro de Ciências Humanas e Letras, Universidade Federal do Piauí. 2016.

CABRAL, Gabriel C. *A fotografia na era da mobilidade: concepções e experiências contemporâneas para o ensino de Geografia*. 2024. 132 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Instituto de Geografia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2024

CHERVEL, André. História das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. *Teoria & Educação*. Porto alegre, v. 2, p. 177-229, 1990.

DRIVER, Félix. Sobre a Geografia como uma disciplina visual. *Espaço e Cultura*, Rio de Janeiro, n. 33. p.207-212, jan./jun. de 2013.

FIRMINO, Larissa C.; MARTINS, Rosa E. M. W. Imagens-clichês e Livros Didáticos: reflexões para o ensino de Geografia. TONINI, Maria Ivaine et al. (Org.) *O livro didático de Geografia e os desafios da docência para a aprendizagem*. Porto Alegre: Sulina, 2017. p. 103-112.

FIRMINO, Larissa C. *Fotoatlas: uma cartografia de gênero em imagens de livros didáticos de Geografia*. 140f. Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de Pós-Graduação em Geografia, Florianópolis, 2020.

FRANÇA, Lucas. *Representações de gênero na Geografia Escolar: análise de imagens em livros didáticos do ensino fundamental*. 27f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Teorias e Práticas da Geografia Escolar) - Colégio Pedro II, Rio de Janeiro, 2022.

FREISLEBEN, Alcimar Paulo. *Fotografias que revelam o espaço urbano nos livros didáticos de Geografia*. 2018. 152 p. Tese (Doutorado em Geografia) - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

GONÇALVES, Amanda. R. A geografia escolar como campo de investigação: história da disciplina e cultura escolar. *Revista Bibliográfica de Geografia y Ciencias Sociales*. Barcelona, v. XVI, n. 905, p. 1-20, 2011.

GOODSON, Ivor. *Currículo: teoria e história*. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

HOLLMAN, Verónica, Enseñar a mirar lo (in)visible a los ojos: la instruccion visual em la geografia escolar argentina (1880-2006). HOLLMAN, Verónica; LOIS, Carla. *Geografia y cultura visual*. Los usos de las imágenes en las reflexiones sobre el espacio. Primera Edición-Rosario: Prohistoria Ediciones, Universidad Nacional de Rosario, 2013, p. 55-78.

MOURA, Jaciara A. de. *O ensino de Geografia a partir das imagens dos livros didáticos dos anos finais do ensino fundamental*. 184f. Dissertação (Mestrado Acadêmico em Geografia) - Universidade Federal do Tocantins, Porto Nacional, 2022.

NOVAES, André R. Um mapa do tráfico de drogas no livro didático: encontros e desencontros entre Geografia Escolar e cartografia midiática. *Geograficidade*, v.2, Número Especial, p. 134-154, 2012.

NOVAES, Ínia F de. *Resistência e proliferação: conversas com imagens de África(s) e professores de Geografia*. 166. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2014.

LACERDA, Rosana. *Livro Didático de Geografia do Ensino Médio: análise e discussão da linguagem imagética*. 145 f. Dissertação (Mestrado em Geografia) - Universidade Federal do Piauí, Teresina, 2018.

OLIVEIRA JR., Wenceslao M. Grafar o espaço, educar os olhos: rumo a geografias menores. *Pro-Posições*, v.20, n.3, 2009.

OLIVEIRA JR., Wenceslao M. Tropas de imagens partilham o (não) saber geográfico: territórios contestados de poder. *Punto Sur*, p.5-19, enero/junio, 2020.

OLIVEIRA JR., Wenceslao M. Pelo espaço: desafixar pensamentos, desfigurar lugares em imagens. In: OLIVEIRA, Aldo *et al* (org.). *Geografia e Educação: singulares mãos docentes*. 1ª ed. Rio de Janeiro: Letra Capital, 2023.

OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao M.; SOARES, Eliane, dos S. Entrevista com o prof. Dr. José Eustaquio de Sene: Fotografias e(m) livros didáticos de Geografia. *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, Campinas, v. 3, n. 6, p.192-225, jul./dez. 2014.

PINHEIRO, Pedro B.. Discursos sobre Discriminação na Geografia Escolar. *Giramundo*, Rio de Janeiro, v. 3, n. 5, p. 43-56, 2016.

PREVE, William S.; PREVE, Ana Maria Hoepers. “Uma rede jogada no mar”: exercícios com imagens da globalização. *Geograficidade*, v.10, n.1, p. 33-44, verão, 2020.

PREVE, William S; PREVE, Ana Maria Hoepers. Imagens da globalização em livros didáticos de Geografia: imagens que podem mais. *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, Campinas, v. 7, n. 14, p. 185-199, jul./dez., 2017.

PRINTES, Rafaela. Presença indígena em Livros Didáticos de Geografia. *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, Campinas, v. 4, n. 8, p. 195-220, jul./dez., 2014.

SENE, Eustáquio de. O livro didático como produto da Geografia Escolar. Obra Menor? *Revista Brasileira de Educação Geográfica*, n. 4, v. 7, p. 27-43, jan./ jun., 2014.

SILVA, Fernando R. C. *Para além do homogêneo: a representação imagética da região nordeste nos livros didáticos de Geografia do Ensino Fundamental II*. 168f. Dissertação (Mestrado em Geografia Humana) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2018.

SOUZA, Catarina M. de A. *Experimentações com imagens: clichês e rasuras na dicotomia rural-urbana do ensino de geografia*. 2018. 133f. Tese. (Doutorado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2018.

TIMMERS, Juliano C. M.; WEPPPO, Branda E. Construindo sentidos nas leituras de imagens: um estudo sobre os livros didáticos de Geografia. *Revista Cerrados*, Montes Claros, v.15, n.1, p. 114-129, jan./jun. 2017.

TONINI, Ivaine Maria. Notas sobre imagens para ensinar Geografia. *Revista Brasileira de Educação em Geografia*, Campinas, v. 3, n. 6, p.177- 191, jul./dez, 2013.

TONINI, Ivaine Maria. Imagens nos livros didáticos de Geografia: seus ensinamentos, sua pedagogia. *Mercator*, ano 2, n. 4, 2003.

TONINI, Ivaine Maria. *Identidades Capturadas: Gênero, geração e etnia na hierarquia dos livros didáticos de Geografia*. 139f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2002.

VILELA, Carolina Lima. *Currículo de Geografia: analisando o conhecimento escolar como discurso*. 201f. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2013.